

FOLLOW-UP DE RECÉM NASCIDOS COM SÍFILIS CONGÊNITA: UM GRANDE DESAFIO PARA O SISTEMA DE SAÚDE

Maria Eliete Sousa da Costa, maria.eliete@discente.ufma.br¹,
Joênnya Karine Mendes Carvalho¹,
Andressa Karoline Ferreira Gomes¹,
Marcelino Santos Neto²
Janaina Miranda Bezerra².

1. Acadêmica de Enfermagem na Universidade Federal do Maranhão - UFMA/CCSST;
2. Docente do Curso de Enfermagem na Universidade Federal do Maranhão - UFMA/CCSST.

RESUMO

INTRODUÇÃO: No Brasil, foram registrados em 2019, 61.127 casos de Sífilis em gestantes (SG) e 24.130 casos de Sífilis congênita (SC). Nos casos de SC, as complicações como abortamento, parto prematuro, morte fetal e outros, podem estar associados a uma falha na assistência pré-natal sendo a transmissão vertical uma consequência da falta de diagnóstico e tratamento adequado. O recém-nascido suspeito e notificado deve também receber acompanhamento pelos próximos 18 meses, para que seja investigado o aparecimento de algum sinal ou sintoma da doença. **OBJETIVO:** Fazer um relato de experiência sobre o Follow-up de RNs notificados com SC e que apresentavam outras complicações clínicas. **DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA:** Os dados desta pesquisa foram coletados nos meses de março e abril de 2022 no setor de follow-up da maternidade de referência no Sudoeste do Maranhão. Os dados correspondem aos anos de 2019 a 2021, coletados a partir da ficha de notificação e prontuários, referentes ao acompanhamento dos RNs que apresentaram a necessidade de UTI (Unidade de Terapia Intensiva) nos primeiros momentos do nascimento e que foram notificados com Sífilis Congênita. Buscou-se as informações sobre frequência dos RNs nas consultas, exames realizados e tratamento prescrito. **RESULTADOS:** O setor de Vigilância Epidemiológica da maternidade notificou neste período um total de 419 casos de SC, sendo 207 em 2019, 97 em 2020 e 115 em 2021. Foram resgatados 15 casos de RNs que passaram pela UTI neonatal e que estavam sendo acompanhados por conta de alguma outra complicação, como prematuridade, crises convulsivas, microcefalia, sepse neonatal, icterícia e

desconforto respiratório (SDR). Os RNs realizaram entre 2 a 3 testes VDRL durante os 9 meses de acompanhamento. Todos receberam Penicilina G cristalina 50.000 UI no nascimento, durante 10 dias. Dentre os casos de SC, as mães eram jovens, com idade entre 17 a 28 anos. Destas, a maioria (40%) não realizou a quantidade de consultas de pré-natal recomendada e 5 realizaram tratamento, sendo 2 destas com tratamento inadequado. **CONCLUSÃO:** Todos os RNs com SC receberam o tratamento preconizado, porém houve falha no acompanhamento dos casos resgatados, uma vez que o teste VDRL de seguimento foi descontinuado e poucos foram os exames complementares realizados. Observou-se ainda, que a perda de seguimento das crianças expostas à Sífilis é alta, podendo estar associada à falta de informação, por parte dos profissionais e familiares, sobre a importância do acompanhamento para monitorar o aparecimento de lesões futuras e avaliação de tratamento precoce.

Descritores: Sífilis Congênita; Cuidado Pré-Natal; Monitoramento.